



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/04/2022 a 14/04/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/04/2022	16,89	468,20	75,12	10,51	7,68
11/04/2022	16,55	459,10	74,30	10,81	7,64
12/04/2022	16,70	460,90	75,43	11,03	7,76
13/04/2022	16,76	458,20	78,11	11,13	7,83
14/04/2022	16,82	461,40	78,91	10,96	7,90
Média	16,74	461,56	76,37	10,89	7,76

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	177,00	
RS – Não Me Toque	177,00	
RS – Londrina	170,00	
PR – Cascavel	170,00	
MT – C.N.Parecis	155,00	
MS – Maracaju	170,00	
GO - Rio Verde	161,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	87,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	77,00	
MT – C.N.Parecis	73,00	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	89,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	94,00	
RS – Não Me Toque	94,00	
PR – Londrina	92,00	
PR – Cascavel	98,00	

Período: 13/04/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/04/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,11	177,69	94,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/04/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,58
Feijão (saco 60 Kg)	290,00
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,91
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,09

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Após o recuo da semana anterior, as cotações da soja, nesta semana, voltaram a subir em Chicago. O primeiro mês cotado fechou o dia 14/04, véspera do feriadão de Páscoa, em US\$ 16,82/bushel, contra US\$ 16,45 uma semana antes. Lembrando que no dia 1º de abril o bushel chegou a baixar para US\$ 15,82. Ou seja, em 9 dias úteis o mesmo recuperou um dólar.

Na prática, o mercado da soja continua muito volátil, com fortes variações diárias, esperando os acontecimentos da guerra entre Rússia e Ucrânia. Este conflito atinge o mercado do petróleo, o qual influencia as cotações do óleo de soja. Também, agora, se aproxima o início do plantio da nova safra nos EUA. Com isso, o clima nas regiões produtoras deste país passa a ser fundamental. A respeito do óleo de soja, vale destacar que nos primeiros 13 dias de abril a libra-peso subiu 9,7% em Chicago, retornando à casa dos 78 centavos de dólar.

Outro elemento decisivo nesta equação é o comportamento da demanda chinesa. Neste sentido, o ritmo das compras externas do país asiático vem caindo de forma geral. No caso da soja, em março, as importações chinesas ficaram em 6,35 milhões de toneladas, com recuo de 18% sobre março do ano passado. (cf. Agrinvest Commodities) Além disso, a China deve ter vendido 500.000 toneladas de soja importada, que estavam em suas reservas, objetivando melhorar a oferta no mercado interno. Os chineses começaram a liberar soja importada de suas reservas ainda em meados de março, conforme as importações da oleaginosa diminuía depois que o clima atrasou as exportações da América do Sul. Por sua vez, os preços do farelo de soja na China subiram desde o início do ano para máximas recordes no final de março, com a oferta de grãos apertada após a seca atingir a safra do Brasil e da Argentina. Já as margens de esmagamento da soja junto às indústrias chinesas, para entrega no período de maio a julho, recuaram bastante desestimulando a compra para entrega futura. Enfim, as importações chinesas de óleos vegetais, de janeiro a março, caíram 62,8% em relação ao ano anterior, para 1,047 milhão de toneladas. As importações de março atingiram 307.000 toneladas, queda de 61%, segundo dados da alfândega chinesa.

Na prática, a China estaria bem abastecida para este primeiro semestre de 2022, com cerca de 35 milhões de toneladas de soja em estoque e bons volumes de produto que deverão chegar do Brasil nos próximos meses. Além disso, os compradores chineses estão buscando garantir mais volumes para o segundo semestre, acreditando em preços menores diante de uma safra maior nos Estados Unidos. Aliás, caso uma safra cheia se confirme nos EUA o mercado espera que as cotações em Chicago venham para níveis entre US\$ 14,50 e US\$ 15,50 por bushel. (cf. Brandalitze Consulting)

E no Brasil, os preços melhoraram um pouco, em relação a semana passada, apesar de o câmbio se manter abaixo de R\$ 4,70 por dólar em boa parte da semana. A média gaúcha no balcão fechou esta semana de Páscoa em R\$ 177,69/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 155,00 e R\$ 170,00/saco. Na prática, o Real mais forte vem impedindo o retorno dos preços à casa dos R\$ 200,00. Soma-se a isso a finalização da colheita nacional, com a entrada de cerca de 122 milhões de toneladas do produto (lembrando que a seca no verão do centro-sul nacional provocou uma perda superior a 20 milhões de toneladas). Por enquanto, o que

vem ajudando os preços nacionais é a cotação em Chicago, muito elevada em relação as médias históricas, e o alto valor dos prêmios nos portos, o qual oscila entre US\$ 1,60 e US\$ 1,90/bushel neste momento.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, onde a colheita está bastante atrasada devido a seca no verão gaúcho, 34% da área havia sido colhida até o dia 08/04. Nestas últimas semanas, as chuvas atrasaram a mesma, causando inclusive prejuízos no produto que está na lavoura. Pela média histórica, a colheita deveria estar em 58% da área naquela data. (cf. Emater)

Por outro lado, no Brasil a comercialização da safra 2021/22 atingia a 57% da produção total esperada, até o dia 11/04. Em igual momento do ano passado os produtores brasileiros haviam negociado 67%, e a média histórica para a data é também de 57%. Para a safra futura 2022/23, as vendas antecipadas estariam ao redor de 10%, levando-se em conta uma possível safra de 145 milhões de toneladas. No mesmo período do ano passado, as vendas antecipadas chegavam a 14%, sendo que a média histórica é de 17,8%. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Mato Grosso, as vendas antecipadas de soja, relativas a safra 2022/23, chegavam a 20,4% no início da presente semana, contra a média histórica de 13,8% nesta época do ano. No mesmo período de 2021, as vendas para a safra futura, no principal Estado produtor de soja no Brasil, estavam em 24,8%. Já as vendas da atual safra, recentemente colhida, chegavam a 67,8% do total, contra a média de 72,4% nesta época do ano. (cf. Imea)

Enquanto isso, no Paraná a colheita da soja chegava a 94% da área semeada, sendo que 66% das lavouras que faltavam colher estavam em boas condições.

Enfim, segundo o estudo BIP (Business Intelligence Panel), feito pela Spark Inteligência Estratégica, relativo à cultura da soja na safra 2020/21, tem-se que a adoção de biotecnologias pelo produtor está consolidada. O surgimento de novos recursos do gênero, afirma a empresa, impulsionou o crescimento do mercado de sementes da oleaginosa para R\$ 15,6 bilhões, 40% acima do registrado na safra anterior. De acordo com o estudo, sementes com 'Bt', por exemplo, chegaram a 81% das áreas cultivadas, e as RRs a 99%. As sementes Bt ocupavam 6 milhões de hectares ou 20% da área plantada da oleaginosa no período 2014/15. "Na última safra essas tecnologias preencheram 30,6 milhões de hectares, alta de 400%". De acordo com o estudo, ainda, o avanço da soja Bt possibilitou a diminuição do emprego de defensivos agrícolas para lagartas. "Na safra 2014/15, lagartas da soja demandaram 64% da movimentação de inseticidas foliares, ou seja, cerca de US\$ 1,3 bilhão. Hoje, estes produtos equivalem a 28% do segmento (US\$ 422 milhões)." Por sua vez, as sementes do tipo RR também avançam em ritmo acelerado, safra após safra, entre as tecnologias preferenciais do produtor. "RRs tiveram adoção de mais de 90% nas últimas sete safras e ocuparam 99% dos cultivos no ciclo 2020/21." Conforme o estudo, esses avanços tecnológicos contribuíram, diretamente, para o aumento da produtividade média da soja brasileira, que era de 49 sacos por hectare, no período 2014/15, para 59 sacos por hectare em 2020/21 (20% a mais). O estudo em questão entrevistou 4.000 produtores nas principais regiões produtoras de soja do país.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente subiram nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (14), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 7,90/bushel, contra US\$ 7,57 uma semana antes.

A alta das cotações em Chicago, além da guerra Rússia x Ucrânia, que complica o fornecimento de milho destes dois países, ao mercado mundial, se concentra nas dificuldades climáticas que surgem nos EUA neste início do plantio da nova safra. Neste sentido, na semana encerrada em 10/04 não houve avanço do plantio do cereal naquele país, com o mesmo ficando em 2%, contra uma expectativa do mercado em torno de 4%, sendo que a média histórica, para a data, é de 3%.

Por sua vez, notícia vinda do governo dos EUA dá conta de que o mesmo poderia autorizar um aumento da mistura de etanol de milho à gasolina. A mistura poderia passar de 10% para 15%, visando conter o avanço dos preços da gasolina naquele país. (cf. Agrinvest Commodities)

Por outro lado, a China voltou ao mercado estadunidense, comprando mais milho. De acordo com o USDA, foram compradas 1,02 milhão de toneladas do cereal, sendo 680.000 toneladas da safra 2021/22 e 340.000 da safra 2022/23. Há uma semana, a nação asiática já havia feito outra compra de milho, neste caso de 1,084 milhão de toneladas. A China tenta se proteger e garantir bons volumes do grão diante dos problemas que vêm sendo registrados em sua nova safra. Por conta de condições adversas de clima, há regiões de produção chinesa onde existem perdas de semente, e outras com dificuldades de plantio. Enquanto a safra anterior de milho da China passou de 270 milhões de toneladas, para esta nova safra se espera algo entre 250 e 260 milhões. (cf. Brandalitze Consulting)

Assim, este é o ciclo de compras chinesas mais agressivo desde março de 2020, "quando a China, em quatro semanas, comprou 11 milhões de toneladas de milho estadunidense". Além das questões climáticas, os produtores chineses enfrentam os mesmos problemas que os demais produtores mundo afora, ou seja, os altos custos de produção, a escassez de fertilizantes e demais insumos, elevadas despesas logísticas e com combustíveis. (cf. Agrinvest Commodities)

Enquanto todos estes problemas se acumulam, o produtor rural na China ainda encara um outro desafio: regras rígidas anti-poluição, em especial contra a queima da palha. O governo chinês pediu aos agricultores que, em vez de queimar, usem máquinas para coletar os resíduos e enviá-los para usinas de energia próximas, onde podem ser queimados como combustível. Muitos produtores locais têm rejeitado o pedido, afirmando que a prática deixa a terra mais pobre, com a maior probabilidade de sofrer com a incidência de pragas e de perdas de sementes. (cf. Bloomberg)

Assim, diante deste conjunto de problemas que se acumulam, cresce na China um temor de que a produção desta nova safra de milho não seja suficiente para atender sua demanda, com a possibilidade ainda de um aumento de suas importações.

Soma-se a tudo isso o fato de que muitos produtores chineses, que realizam trabalhos temporários nas cidades, estarem impedidos de voltar ao campo devido aos rigorosos lockdowns, promovidos pelo governo, devido ao novo surto de Covid-19 que atinge a China. Neste sentido, as províncias do nordeste do país sofreram semanas de restrições de deslocamento com as medidas mais duras, onde os casos de Covid-19 dispararam no início de março. O fornecimento de fertilizantes nas regiões atingidas igualmente foi interrompido, pelas restrições de transporte, e os agricultores já estão enfrentando preços recordes do insumo, bem como do diesel e outros custos.

E no Brasil, os preços do milho se mantêm estáveis, ainda com viés de baixa. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 85,11/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 73,00 e R\$ 85,00/saco.

O recuo se deve ao fato de que as expectativas, para a segunda safra de milho nacional, projetarem um volume acima do inicialmente esperado, podendo ser recorde se o clima ajudar. Espera-se 88,5 milhões de toneladas, o que representaria 45,8% sobre a frustrada safrinha do ano passado. Ao mesmo tempo, muitos consumidores estão estocados, deixando de pressionar o mercado.

Dito isso, no Rio Grande do Sul a colheita do milho de verão, atrasada pela seca e, posteriormente, pelas chuvas, chegou a 79% até o início da corrente semana. Mesmo assim ela está mais avançada do que no ano passado, quando atingia a 72% nesta época, e em relação a média histórica, que é de 67%.

No Mato Grosso, as vendas da safra atual chegaram a 54,5% do total, ficando abaixo da média histórica, que é de 59% para esta época do ano. Enquanto isso, a safra de milho do próximo ano, naquele Estado, já está com 9% vendidos de seu total esperado. (cf. Imea)

E no Paraná, o plantio da safrinha foi concluído, sendo que 97% das lavouras apresentam boas condições, sendo que 10% das mesmas está na fase de frutificação. (cf. Deral)

Em termos gerais, o mercado de milho brasileiro está quase paralisado, ocorrendo somente nos portos, pois os consumidores internos estão aguardando a entrada da safrinha, com a possível queda mais acentuada dos preços. Ajuda igualmente, neste raciocínio, a valorização do Real, que torna as exportações do cereal menos competitivas. Soma-se a isso o fato de que muitos consumidores, especialmente as indústrias de ração, estarem com estoques relativamente importantes. Neste contexto, a pressão baixista tende a continuar para as próximas semanas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a superar o teto dos US\$ 11,00/bushel durante a semana, porém, não se sustentaram e fecharam esta quinta-feira (14) em US\$ 10,96/bushel, contra US\$ 10,20 uma semana antes e apenas US\$ 9,84 no dia 1º de abril. Mesmo assim, em nove dias úteis o bushel de trigo recuperou US\$ 1,12.

A mesma volatilidade que se observa nos mercados do complexo soja se registra também para o trigo em Chicago. A guerra entre Ucrânia e Rússia já dura quase dois meses e mantém um grau de incerteza elevado, já que a região em conflito exporta 30% do trigo mundial. Devido à guerra estas ofertas ucranianas e russas estão cada dia menores. Além disso, ninguém sabe o que a Ucrânia conseguirá colher de trigo na atual safra, diante da invasão russa. Muitas regiões nem conseguiram semear o cereal. Neste sentido, nesta semana a Associação de Grãos da Ucrânia informou que a produção do país poderia cair para 18,2 milhões de toneladas, quase a metade do que produziu no ano passado.

Todavia, não é só no Leste Europeu que os problemas para o trigo aparecem. A China registra sua pior safra dos últimos anos, sofrendo com adversidades climáticas e a crise dos fertilizantes. Ao mesmo tempo, o trigo de inverno dos EUA não conta com bom desfecho, também em função do clima, o que se estende para a nova safra de primavera estadunidense. (cf. Bloomberg)

Nos EUA, o plantio do trigo de primavera atingiu a 6% da área esperada, no dia 10/04. No ano passado, nesta data, o mesmo chegava a 10%, enquanto a média histórica é de 5%. Já o trigo de inverno estadunidense estava com 32% das lavouras em excelentes condições, contra 53% no ano passado nesta data. Ou seja, neste ano o clima está pior. Hoje, 70% do trigo de inverno dos EUA está sob condição de seca.

Enquanto isso, na Índia a colheita é cheia. Segundo o governo local, o país está preparado para atender a qualquer demanda extra de trigo de compradores do sul e sudeste da Ásia, e também de países mais distantes, na Europa, Ásia Ocidental e Norte da África. A nova safra de trigo da Índia está em andamento, com a produção deste ano podendo chegar a um recorde de 111,3 milhões de toneladas, tornando-se a sexta temporada consecutiva em que o país produz excedentes. Lembrando que a Índia precisa de, pelo menos, 25 milhões de toneladas de trigo por ano para executar um programa de bem-estar alimentar. Por sua vez, os estoques de trigo, nos armazéns do governo, totalizaram 19 milhões de toneladas em 1º de abril, ficando acima da meta de 7,46 milhões de toneladas.

E na Europa Ocidental, mais precisamente na França, os produtores locais devem reduzir o plantio de trigo. Para o trigo macio, que é o cereal mais semeado naquele país, o governo local estima uma área de 4,79 milhões de hectares para este ano, com um recuo de 3,9% sobre 2021 e 0,7% abaixo da média dos últimos cinco anos.

Já no mercado brasileiro de trigo, os preços se mostram estáveis. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 94,35/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 92,00 e R\$ 98,00/saco.

Os preços do cereal nacional continuam relativamente sustentados, porém, menores em relação ao nível alcançado quando do início da guerra Rússia x Ucrânia. O preço indicado pelo comprador gira ao redor de R\$ 1.800,00/tonelada (R\$ 108,00/saco), tanto posto nos moinhos gaúchos, quanto do Paraná, que também busca, neste ano, abastecimento no mercado gaúcho. Entre os vendedores, o preço FOB gira entre R\$ 1.850,00 e R\$ 2.000,00/tonelada (R\$ 111,00 e R\$ 120,00/saco). Já para a safra nova gaúcha existem indicações de preço a R\$ 1.750,00/tonelada (R\$ 105,00/saco) posto porto de Rio Grande. Como as dúvidas climáticas são muitas, em relação ao que

poderá ser a safra nova de trigo, os produtores gaúchos pouco estão vendendo antecipadamente. (cf. De Baco Corretora) Lembrando que os preços no Brasil dependem muito dos preços praticados na Argentina, nosso principal fornecedor de trigo e, por consequência, dependem do comportamento cambial em nosso país.

Por outro lado, em São Paulo, o Estado espera fechar 2022 com uma safra recorde de trigo, podendo a mesma atingir a 400.000 toneladas, segundo as quatro maiores cooperativas paulistas. Lembrando que a safra de 2021, atingida pelas geadas, acabou frustrada.

Enfim, segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), o Brasil poderá exportar 112.152 toneladas de trigo em abril, lembrando que no mesmo mês do ano passado não houve exportação de trigo brasileiro. Em março de 2022, os embarques do cereal somaram 508.164 toneladas. No acumulado de 2022, os embarques já atingem 2,242 milhões de toneladas. (cf. Canal Rural)